

METALINGUAGEM E INTOLERÂNCIA LINGÜÍSTICA

Iara Lucia Marcondes

RESUMO: O texto tem o objetivo de fazer considerações sobre a metalinguagem em língua portuguesa brasileira divulgada pela mídia moderna e demonstrar como esse discurso, por se basear em uma visão tradicional de língua, apresenta indícios de intolerância lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: variação lingüística; mudança lingüística; intolerância lingüística

ABSTRACT: *The text aims at making some considerations of metalanguage in Brazilian Portuguese made public by modern media, and demonstrating how this speech, once it is based on a traditional view of the language, presents rates of linguistic intolerance.*

KEYWORDS: *linguistic variation; linguistic chance; linguistic intolerance*

1. A intolerância como tema no mundo moderno

A intolerância tem sido cada vez mais estudada no Brasil e no mundo, sendo inclusive tema de reflexão de organizações internacionais como a UNESCO. O crescente interesse pelo tema se deve ao fato de esse ser um problema que, apesar de ter surgido há séculos, afeta o mundo contemporâneo e a paz mundial.

A falta de tolerância com a diversidade racial e religiosa é uma das matizes que causa as constantes guerras e conflitos entre povos, aos quais temos assistido com muita frequência. Acredita-se que o preconceito com as diversas culturas, a intolerância com o diferente e a idéia de que algumas civilizações são mais desenvolvidas e evoluídas que outras, juntamente com a necessidade de algumas nações de defender seus interesses financeiros e de mostrar ao mundo seu poderio econômico e político é basicamente a grande causa dos conflitos modernos.

A idéia de superioridade cultural de um povo em relação a outro é antiga. Quando um povo entra em contato com outro, ou se identifica com a cultura do outro, assimilando parte dela para si ou não a aceita, menosprezando-a e se colocando como superior ao outro, ao diferente.

Um exemplo do primeiro caso se deu quando Roma conquistou a Grécia Antiga e assimilou sua cultura, considerada na época muito desenvolvida. Para citar apenas um exemplo da situação oposta, “viajemos” da Antigüidade Clássica para a história moderna e lembremos a expansão marítima e as descobertas do século XVI d.C.. Os europeus, ao entrar em contato com os povos ameríndios, viam-se como superiores a eles e tentavam passar-lhes sua cultura, não respeitando a cultura deles.

No final do século XIX e início do século XX nos trabalhos dos primeiros etnólogos ainda se encontrava a idéia de superioridade cultural. As teorias defendidas por eles, que demonstram claramente isso são: o evolucionismo e o difusionismo.

A primeira teoria citada é o evolucionismo, de acordo com ele, a humanidade se transforma, passando naturalmente por etapas ou graus de evolução. Para esses teóricos, povos de culturas diferentes da cultura ocidental moderna estariam em uma fase inferior de evolução.

Essa teoria, que teve Morgam como seu principal representante, foi muito difundida nos Estados Unidos e ainda revive sob a forma do neo-evolucionismo.

A segunda teoria é o difusionismo, seus adeptos também afirmavam que a humanidade passa por um processo de evolução, porém, contrapondo-se ao evolucionismo, acreditam que essa evolução não é natural, mas fruto de contatos culturais.

Essa idéia de superioridade cultural, que está muito presente no mundo ocidental moderno, como demonstramos através do advento das descobertas do século XVI e das teorias etnológicas do século XIX/XX, gera justamente o preconceito e a intolerância com o diferente, do qual vínhamos falando.

Nesse viés, a questão religiosa merece destaque, pois o mundo judaico-cristão herdou, juntamente com a idéia monoteísta de um Deus único, a intolerância religiosa, não existente na Antigüidade Clássica, politeísta e dessa forma hospedeira de deuses de outros povos (Rouanet,2003,pág.10).

Nos séculos XVI e XVII, o comportamento tolerante com as minorias religiosas foi ordenado, e esse conceito passou a ser jurídico, porém, o mundo continuou assistindo a muitos conflitos entre povos, causados pela intolerância.

Com o advento da antropologia moderna (aceitação e estudo de diferentes culturas) e do desenvolvimento de leis de preservação dos direitos humanos, o preconceito e a intolerância a

diferentes civilizações passaram a ser repudiados, no entanto, não deixaram de ser praticados nas mais diferentes formas em nosso dia-a-dia. Sabe-se, no entanto, que a única forma de se combater o preconceito e sua conseqüência, a intolerância, é o estudo desses temas. É por esse motivo que a intolerância em sua diversas matizes atualmente é estudada em diversos países.

2. Tolerância e intolerância ontem e hoje: conceitualização

O binômio tolerância e intolerância atualmente possui diferentes significados. Segundo Bobbio(1992), a princípio, o termo era usado ao se tratar apenas de aceitação ou não da religião ou postura política de minorias. Hoje, o termo foi generalizado e também utilizado ao se referir à intolerância direcionada a qualquer tipo de minoria (étnica, lingüística etc.). Diversos intelectuais da atualidade, como o próprio Bobbio, o filósofo Habermas e o sociólogo Rouanet, ao estudar o conceito tolerância/intolerância, em seu sentido mais amplo, tentam diferenciá-lo da idéia de aceitação às diferenças.

Em Bobbio, o autor após diferenciar o significado histórico e geral de tolerância, diz que diferentes “verdades” religiosas devem ser toleradas, sem que adeptos das várias religiões “abram mão” de suas doutrinas, porém, diferenças raciais, étnicas, entre outras, devem ser aceitas e respeitadas, não apenas toleradas.

Acreditamos que a intolerância lingüística, ou seja, a intolerância aplicada às diferentes variações lingüísticas, enquadra-se à segunda definição de intolerância, dessa forma, pensamos que as diferentes formas lingüísticas não devam apenas ser toleradas, mas também aceitas.

A busca da tolerância lingüística e do fim das sanções negativas direcionadas a falantes de variantes não padrão, no entanto, é o primeiro passo para a aceitação das diversas variantes da língua.

3. A intolerância lingüística

O ensino das línguas modernas é pautado quase que exclusivamente na gramática normativa ou prescritiva, que dita ou prescreve regras. Essa tradição é uma herança do mundo greco-romano que postulou o “bom uso” da língua, tendo como modelo a escrita literária de

autores do passado e não levando em consideração as mudanças lingüísticas e as variedades dialetais. Embasadas nessa tradição, também chegam até nós as idéias de língua bela ou feia, boa ou má e de língua correta ou incorreta.

É passada para o aprendiz de uma língua materna ou de uma segunda língua a idéia de língua uniforme e imutável e tudo que foge às regras rígidas e fixas dessa língua é considerado “erro”. Dentro dessa mesma linha de raciocínio língua boa ou bela é sinônimo de discurso que se enquadra às regras gramaticais e língua má ou feia seria o discurso inovador, que foge às regras tradicionais.

Sabe-se, porém, que essa idéia é falsa, pois as línguas são entidades sociais e se modificam.

Essas modificações são causadas por diversos fatores, entre eles estão os fatores sociais (sexo, idade e classe social dos falantes), os fatores históricos (modificação da língua, causada pelo tempo) e os fatores geográficos (região em que o falante nasceu ou vive). Desse modo, diferentes grupos sociais possuem suas diferentes variedades lingüísticas. Segundo Halliday(1974), para variedades faladas por um grupo de falantes com características em comum dá-se o nome de dialeto. A quantidade de dialetos de uma língua é imensa, pois é composta pela quantidade de grupos com características em comum que formam essa comunidade.

Além do dialeto, que é a variedade de língua diferenciada de acordo com o usuário, há variedades lingüísticas diferenciadas de acordo com o uso, as quais recebem o nome de registro. Um mesmo indivíduo usa diferentes registros nas diferentes atividades que realiza no decorrer do seu dia.

Dentre as diversas variedades da língua uma é escolhida para ser a norma padrão. Essa escolha segue fatores sociais, culturais e históricos.

A relação língua/usuário/sociedade é fundamental para se fazer reflexões sobre a língua, seus usos e variações. Todas as variedades de uma língua possuem o mesmo valor lingüístico, porém, adquirem valores sociais diferentes. O valor social das variedades lingüísticas está diretamente relacionado ao valor social de seus falantes.

Dessa forma, pode-se dizer que a variante lingüística de pessoas com grande prestígio social e econômico também possui grande prestígio e é utilizada como base para fixação da variante padrão da língua.

Uma variação lingüística (infração à tradição gramatical) ao ser usada por falantes de uma classe social de prestígio, apesar de ser vista com “maus olhos” por gramáticos e falantes mais tradicionais, não é tão estigmatizada quanto uma variação usada apenas por falantes de baixa classe social e pode até se tornar uma mudança lingüística, ou seja, tornar-se regra e ser aceita pelos falantes.

Analisando a língua em uso, com suas diversas variedades, percebemos que a gramática normativa, ensinada na escola e postulada pelas gramáticas e pelos manuais de língua e redação “*não se atém à língua verdadeiramente praticada e, portanto, não a representa. Ao contrário, pelo juízo de valor que nela está embutido e pela descrição de um corpus literário (antigo), serve parcialmente como parâmetro para uma das atualizações da língua, a realização culta formal, na modalidade falada ou escrita, e se afasta bem de outras realizações, menos cultas e menos formais*”(Leite,2001b, pág.2).

De modo geral, os usos concretos da língua, mesmo de falantes cultos, não coincidem com as regras da gramática normativa, no entanto, ela é símbolo de saber e poder, pois tem que ser aprendida na escola e em países com baixo índice de escolarização, como o Brasil, é aprendida apenas por uma minoria privilegiada. Dessa forma, entender as regras da gramática normativa como a única forma correta de se atualizar a língua é marginalizar e excluir milhões de falantes, dando início, assim, aos chamados preconceito e intolerância lingüística.

O preconceito social, juntamente com o preconceito contra diversas variedades da língua, gera crenças comuns como a da decadência lingüística e a de que alguns falantes não sabem falar sua própria língua, entre outras. É fato inquestionável que as variedades não padrão, faladas por pessoas de baixa renda são vistas por diversos gramáticos e professores de língua portuguesa como “erro” e seus falantes como ignorantes lingüísticos, pois esse falante, que tem pouco acesso à escolaridade básica, desconhece a norma culta, porém, como é falante de língua portuguesa conhece ao menos uma variedade dessa língua.

Como já foi dito, países com alto índice de analfabetismo, como o Brasil, em que muitos usuários da língua, por não ter acesso à escolaridade básica, não conhecem a norma culta, a crença no “caos” lingüístico é maior. Dessa forma é comum ouvirmos frases como “eu não sei falar direito português ” ou “português é uma língua muito difícil”.

4. Ensino de língua portuguesa na mídia

Enquanto milhares de usuários de nossa língua ocupam a posição desconfortável de “ignorantes lingüísticos”, que não dominam sua própria língua, a mídia gera inúmeros trabalhos, que têm como objetivo principal resolver os problemas lingüísticos de seus usuários ou consumidores.

Em momentos como o que temos vivido, de massificação do saber e de informatização do lazer e do conhecimento, em que a cultura vem sendo uniformizada, como analisa Preti (1999), a presença da mídia, como detentora de sabedoria, aumenta cada vez mais.

A massificação do saber e o fosso lingüístico (grande diferença entre a língua padrão e a língua realmente falada pelos falantes) que países subdesenvolvidos se encontram favorecem *“demasiadamente os “gigolôs da norma prescritiva”, que sobrevivem da exploração, por exemplo, de manuais divulgadores de “dicas” para falar e escrever corretamente, como se o consumo desse material fosse resolver o problema lingüístico dos que pensam não saber escrever e falar bem a língua”* (Leite, 2001b, pág. 2 e 3).

Na televisão e no rádio, são facilmente observáveis diversos programas que abordam pontos gramaticais da língua portuguesa de forma tradicional, ou seja, chamando de usos corretos aqueles que estão de acordo com a norma culta e de usos incorretos e que não devem ser tolerados ou aceitos, os usos que não estão de acordo com o padrão da língua, dentre esses programas, podemos citar o “Nossa Língua Portuguesa” (apresentado por Pasquale Cipro Neto), que é, possivelmente, o programa com esse tipo de enfoque mais famoso e que, provavelmente, serve de modelo para os outros programas do gênero e o “Programa da Palavra” da rede Sesc/Senac de televisão, que é apresentado por Sérgio Nogueira. Muitos desses professores, chamados também de “guardiões da língua portuguesa”, não possuem apenas um programa desse gênero, aparecem em programas de televisão e rádio, além de escreverem colunas gramaticais em jornais e publicarem livros ou manuais de regras gramaticais.

A mídia, em sua estratégia publicitária, usa crenças como a de que o português é uma língua muito difícil e a de que a maior parte da população brasileira não sabe falar sua língua, que sempre estão às voltas do discurso metalingüístico dos falantes, como “isca” de venda,

dando, dessa forma, mais força à idéia de “caos” lingüístico. Exemplos desse tipo de publicidade são:

- Títulos de manuais gramaticais: *Português sem Complicação*, dicas e respostas comentadas, de Sergio Nogueira e *Língua Portuguesa*, comunicação fácil e direta. *Nosso Idioma sem mistério* (sem autor). Os dois títulos apresentam suas obras como fáceis e acessíveis, pois visam como público alvo, falantes que vêem o português como uma língua difícil.

- Nomes de programas: S.O.S. *Língua Portuguesa da rádio Bandeirantes*. Esse título leva-nos a crer que o português (língua personificada) foi todo machucado por seus usuários e precisa ser tratado.

A mesma idéia era utilizada nas chamadas comerciais dos fascículos do manual *Português sem Complicação* de Sérgio Nogueira (fascículo disponível, na época, na compra do jornal *Diário de São Paulo*), que aparecia há bem pouco tempo nas bancas de jornal e em propagandas de televisão, mostrava um português (homem) todo machucado, sob o anúncio “Cuide bem do português”. A publicidade, nesse caso, trabalhou com dois mitos sobre a nossa língua: a idéia já citada de que o usuário, ao falar uma variante não padrão, maltrata a língua e a idéia de que o português “correto” é o português de Portugal. Mostrando dessa forma uma supremacia do português europeu sobre o português brasileiro. Essas duas variações do português deveriam ser vistas apenas como diferentes, não como superior (variação falada na Europa) e inferior (variação falada na América).

Essas crenças vinculadas à linguagem não atingem apenas as pessoas das classes sociais desprivilegiadas, mas a sociedade como um todo, pois nenhum usuário fala 100% das regras propostas pela norma tradicional. Indivíduos de diversas classes sociais, com maior ou menor grau de escolaridade, por acreditarem não falar português corretamente, consomem muitos dos produtos que a mídia lhes oferece, porém, segundo Leite (2001a: 129/130), a mídia com todos esses textos metalingüísticos, que reduzem o português a uma simples seqüência de regras e exercem preconceitos sobre o uso das variantes não padrão, consegue apenas que o usuário tome conhecimento de que muitas de suas atualizações são consideradas erradas ou inexistentes, que ele comente com os amigos “as novidades” que aprendeu e que ele perceba, desconsolado, que se usar as recomendações do manual em sua linguagem diária, será ridicularizado.

Em meio a tantos trabalhos metalingüísticos do português na mídia, a internet aparece como mais uma opção para auxiliar os falantes em sua “peregrinação” em busca da norma culta.

5. A metalinguagem na internet

Ao pesquisar o discurso metalingüístico da língua portuguesa na Internet, encontramos um “emaranhado ” de "sites" com assuntos bastante variados, que podem ser divididos pelo tipo de textos que contém: textos científicos e textos mais comerciais, destinado ao uso dos falantes em geral, que possuem o interesse de conhecer as regras gramaticais da língua (variante padrão).

Entre os "sites" de interesse mais científico, enquadram-se “sites” como “Brasil, Portugal e Língua Portuguesa” ("site" com ênfase em mapeamento geográfico da comunidade lusófona); "sites" com ênfase em história da língua portuguesa, como o "site" de Adelardo de Medeiros da U.F.R.N. e “sites” com ênfase em lingüística ou em sociolingüística, como “Brasil e Portugal, até que ponto iguais, até que ponto diferentes ” (“site” de alunas da PUC – R.J., no qual alunas estudam diferenças culturais e lingüísticas de Brasil e Portugal) .

A maioria dos “sites” da internet, que discursa sobre a língua portuguesa, no entanto, trata a língua de maneira comercial, apontando regras práticas para o uso escrito e falado do idioma. Muitos, inclusive, visam às provas de vestibular ou aos concursos públicos.

Um exemplo de “sites” de língua portuguesa com intuito meramente prático são os manuais de redação, que são cópias "on line" dos manuais impressos e editados por grandes jornais, como o *Manual de Redação e Estilo* de Eduardo Martins (Manual do jornal *O Estado de São Paulo*). Esses manuais são destinados principalmente a jornalistas, porém, também pode ser utilizado pelo público em geral.

Pensando nesses manuais "on line", também se pode fazer outra classificação de textos sobre a língua portuguesa na Internet: textos produzidos apenas "on line" e de textos que possuem versão impressa e versão "on line", como os manuais de estilo dos grandes jornais, os dicionários "on line" e as colunas jornalísticas, que saem impressas nos jornais e "on line", como a coluna do professor Pasquale.

Dentre os trabalhos feitos apenas para Internet, a maioria são muito semelhantes à metalinguagem da mídia escrita e falada em jornais, revista, rádio e televisão, dos quais já

falamos, possuindo inclusive seções semelhantes. Exemplos desse tipo de “sites” são “Gramática Online” e “Sua Língua”. O primeiro é escrito pelo professor Dílson Catarino, que leciona em Londrina, e o segundo, por Cláudio Moreno, de Porto Alegre.

O “site” “Gramática Online” possui seções típicas dos trabalhos voltados para o ensino prescritivo de regras gramaticais, como por exemplo “Dicas da semana” e “Dúvida: o certo é ...” e o “site” de Moreno, que também é totalmente tradicional, não é diferente ao denominar suas seções.

Moreno que é professor doutor (obteve seu título de doutor pela PUCRS) denomina-se doutor em seu “site”, que possui uma seção de nome “Pergunte ao doutor”. Essa denominação é utilizada talvez para obter maior credibilidade e demonstrar poder, porém tal título é ambíguo, pois em nosso país utilizamos comumente esse termo para denominar médicos e ao usar o título o professor parece querer “curar os males das línguas erradas”.

No “site” de Moreno, além da seção já mencionada “Pergunte ao doutor”, que é exclusiva para perguntas dos leitores e respostas do “doutor”, há outras seções como “O leitor com a palavra”, “Como se escreve” e “Respostas rápidas” que também adotam o formato de perguntas e respostas para abordar os diversos assuntos.

Esse formato perguntas/respostas, muito usado por Moreno, também é utilizado por Catarino na seção “Dúvidas” e por muitos outros “guardiões da língua portuguesa”, presentes na mídia, escrita ou falada.

Acreditamos que a preferência por esse tipo de trabalho metalingüístico se dê por se acreditar que essa interação torne as regras gramaticais mais simples, práticas, objetivas e interessantes, pois o professor apenas responde o que lhe foi perguntado, com uma linguagem bem coloquial e moderna, sem se aprofundar no assunto e muitas vezes ainda faz “brincadeiras” com seu interlocutor.

O uso de perguntas e respostas para se abordar um tema gramatical foi muito utilizado no final do século XIX e início do século XX, recebendo então o nome de consultório gramatical.

O que observamos atualmente é a volta dos consultórios gramaticais provavelmente modernizados apenas pelo tipo de mídia em que são veiculados, porém, com a mesma abordagem tradicional e conservadora sobre a língua portuguesa brasileira.

Considerações finais

Pretendemos com esse artigo levar o leitor à reflexão sobre a metalinguagem do português brasileiro, propagada pela mídia moderna e mostrar como esse tipo de trabalho sobre a língua se encontra vinculado com a prática da intolerância lingüística.

Introdutoriamente, mostramos como a intolerância em seus mais diversos aspectos se propagou pelo mundo ocidental moderno e a importância de se discutir esse assunto.

Especificamente no caso da intolerância lingüística, podemos dizer que refletir sobre a maneira com que muitos estudiosos, como os que aparecem na mídia atualmente, vêem a língua é uma forma de se combater o preconceito e a intolerância lingüística.

Essa reflexão nos mostra a necessidade de construirmos uma nova base teórica para o ensino de língua, pautada na língua em uso e nas variações e mudanças lingüísticas. Sabemos que o conhecimento de várias normas lingüísticas, inclusive da norma culta objetiva e da norma prescritiva, é importante e que o domínio desta, além de dar ao falante condições de entender textos considerados cultos, falados e escritos, dá ao usuário da língua prestígio social.

No entanto, esse domínio não pode ser adquirido por meio de fórmulas fáceis e simplificadas, esse conhecimento deve ser global e ensinado por professores bem capacitados, com boa formação lingüística, porém *“No Brasil, o lingüista tem estado à margem da discussão e do tratamento da norma prescritiva em razão, segundo entendemos, de dois fatores principais. O primeiro é o hábitos de o lingüista não se envolver com a norma prescritiva porque ela não é, verdadeiramente, extraída do uso real, mas o resultado de uma recriação da realidade, que é a literatura, fato que leva à observação de que não se fala/escreve como essa norma recomenda. O segundo é a falta de hábito, por parte dos estabelecimentos de ensino ou de empresas que desejam levar os funcionários a refletir sobre a sua linguagem profissional, falada e escrita, de ter assessoria de um lingüista na condução do tratamento da língua portuguesa. Essa atitude tem sido funesta por deixar o espaço aberto para “os guardiões da norma prescritiva” mais confundirem do que ajudarem o brasileiro no que diz respeito ao uso e à compreensão do funcionamento de sua língua”*(Leite, 2001b, pág.3).

A metalinguagem do português brasileiro, com base no discurso purista e intolerante se prolifera. Portanto, cabe aos lingüistas levar o estudo da norma prescritiva ou normativa para

dentro das universidades e dessa forma dar embasamento teórico para o ensino de língua portuguesa nas instituições escolares.

Referências bibliográficas:

- BOBBIO, Norberto. “As Razões da Tolerância” in *A Era do Direito*: Campus, 1992.
- HALLIDAY, M.K.A et al. “Os usuários e os usos da língua” in *As ciências lingüísticas e ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- LEITE, Marli. “A influência da língua falada na Gramática tradicional ” in PRETI, D(org) *Fala e Escrita em Questão* 2.ed. São Paulo: Humanitas, 2001a.
- _____. “Que Atitude tomar Diante da Gramática?” in Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP: 2001b.
- PRETI, Dino. “A propósito do conceito de discurso oral culto: a língua e as transformações sociais” in PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- ROUNET, S.P. *Os Eros da diferença*. Folha de São Paulo, 9 de fevereiro de 2003.